

SILVA. Marcia Alves Soares da. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 17, n. 50, p. 69-84, agosto de 2018 ISSN 1676 8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar

On emotions and places: contributions of the Geography of Emotions to an interdisciplinary debate

Marcia Alves Soares da Silva

Recebido: 20.03.2018

Aceito: 28.05.2018

Resumo: a discussão sobre as emoções é um desafio para o debate científico, em especial, por serem tratadas como questões subjetivas que não cabem na racionalidade da ciência. No entanto, determinadas áreas do conhecimento percebem a necessidade de problematizar essa questão, como é o caso da Geografia. Nesse sentido, o objetivo da discussão é apresentar os caminhos que a Geografia, enquanto uma ciência que tem o espaço geográfico como objeto central de estudo, percorre no debate sobre emoções e sua relação com os lugares, visando contribuir na compreensão das emoções também enquanto fatos espaciais. Sobre isso, iremos apresentar o percurso histórico sobre as questões afetivas na Geografia, em especial, com o debate da Geografia Humanista e sua análise sobre os conceitos de lugar e espaço vivido; a atual discussão sobre as emoções na Geografia das Emoções e os temas de interesse na relação emoções e lugares dentro da perspectiva da Geografia das Emoções, a partir de um panorama de publicações internacionais sobre o tema. Pretende-se, com isso, inserir a categoria espacial e a perspectiva da Geografia no debate interdisciplinar sobre as emoções, além de divulgar as recentes discussões sobre a Geografia das Emoções, cuja análise ainda é escassa na Geografia brasileira. **Palavras-chave:** geografia humanista, espaço vivido, lugar, geografia emocional

Abstract: the discussion over emotions is a challenge to scientific debate, especially because they are considered as subjective issues that do not fit into science rationality. However, certain fields of knowledge, such as the Geography, perceive the need to debate them. In this sense, the purpose of this discussion is to present the paths that the Geography, as a science that takes the geographic space as a central study object, travels debating emotions and its relation with places, aiming to contribute in the understanding of emotions also as spatial facts. On this, the historical course on affective issues in Geography will be presented, especially alongside with the debate about the Humanist Geography and its analysis over the concepts of place and lived space; the current discussion on emotions in the Geography of Emotions and interest subjects in the relationship between emotions and places within the perspective of the Geography of Emotions from an overview of international publications on the theme. We aim to place the spatial category and the perspective of the Geography in the interdisciplinary debate on emotions, as well as expose the recent discussions on the Geography of Emotions, whose analysis remains scarce in Brazilian Geography. **Keywords:** humanist geography, living space, place, emotional geography

Introdução

Nossa vida acontece, além da relação com as outras pessoas, também com os espaços da vida cotidiana. Tal relação é indissociável, porque somos sujeitos espaciais. O vínculo com o espaço se dá tanto na esfera íntima do corpo e a necessidade de orientação espacial básica (acima e abaixo; pra frente e pra trás; de um lado para o outro) e também na construção de espaços de (con)vivência (espaço de trabalho, lazer, na escola, de sociabilidade). Na visão da Geografia, o espaço geográfico diz respeito tanto à esfera material (construções edificadas e a paisagem natural, por exemplo), mas também a imaterial, que se desenrola com o nosso envolvimento com os lugares, a partir das nossas memórias, experiências de vida, lembranças, emoções. É sobre esse último ponto que iremos discutir nesta discussão.

Do ponto de vista da Geografia, a definição sobre o espaço foi fundamental para que pudesse se constituir como ciência moderna. Ao elencar o espaço geográfico como conceito chave, a Geografia formulou diferentes teorias e metodologias de análise que pudessem compreender as dinâmicas do ponto de vista natural (as dinâmicas da natureza), mas também do ponto de vista do sujeito (as dinâmicas econômicas, políticas, culturais, sociais, dentre outras). Em função também da influência positivista no fazer geográfico do século XIX e XX¹, tanto do ponto de vista do método, quanto das metodologias, algumas correntes da Geografia se ativeram à noção de espaço àquilo que poderia ser visto, mensurado, quantitativamente analisado, isto é, a discussão de espaço geográfico estava atrelada a ideia de espaço geométrico².

No momento de renovação da Geografia na década de 1970 e com a crítica ao método positivista, alguns teóricos debateram conjuntamente uma outra visão de Geografia que desse ênfase às pessoas. A partir do diálogo com outras áreas do conhecimento, em especial, das ciências humanas e os aportes das correntes filosóficas fenomenológica e existencialista, surge um sub-área da Geografia Humana que visa colocar a centralidade nos sujeitos, suas práticas, vivências e experiências espaciais: a Geografia Humanista. Dentre os temas iniciais de interesse, insere-se o debate sobre a percepção ambiental, o comportamento, paisagem cultural, a geografia regional, a geografia histórica, além de buscar novas reflexões sobre o conceito de *lugar* e o espaço geográfico, analisando-o como *espaço vivido*.

¹ Sobre isso, Moreira (2007) afirma que os princípios lógicos de localização, distribuição, extensão, distância, posição e escala foram fundamentais para o surgimento a compreensão das feições geográficas, isto é, categorias geográficas, como paisagem, território e espaço. Silveira (2006) aponta na história da Geografia, a tendência é de privilegiar os resultados e não o processo, pois se construiu uma geografia que não fala de outra coisa que não seja tamanho, forma, sítio, limites. Para a autora, a epistemologia que debateu a questão da extensão, privilegiou do ponto de vista do método, a razão e nunca a emoção, porque está mais preocupada com o cenário do que com a vida. Afirma ainda a importância do debate sobre a questão da distância, para que não seja apenas uma distância física, mas uma distância medida em custos e em percepções.

² “É sabido que teremos pleno êxito se quisermos abranger matematicamente o espaço ao nosso redor. Podemos mensurá-lo com precisão, expressar distâncias exatas entre pontos individuais em metros e centímetros, e representar tudo isso numa planta ou mapa, de acordo com a escala. Assim, surge a planta de uma edificação com suas paredes, janelas e portas e até mesmo com cada peça do mobiliário ali contido, ou o mapa de uma cidade com suas ruas e praças, o mapa de um país com suas montanhas, cidades e rios e, finalmente, o globo, como imagem de toda a esfera terrestre. por toda parte, relações de situação, em especial as distâncias, são representados com exatidão, e podemos lê-las do mapa quando necessário. O mapa como ilustração em escala permite orientação no terreno.

E, apesar disso, cada usuário de mapa, como é o caso do caminhante nas montanhas, logo experimento os limites de uma tal representação geográfica do espaço, pois as distâncias experimentada na vida real ao atravessar o espaço não correspondem à linha aérea que é extraída do mapa, sequer a distância ao longo das ruas, mesmo cuidadosamente mensuradas” (Bollnow, 2008, p. 205).

Ao reformularem a noção do conceito de lugar e espaço vivido, os geógrafos humanistas inserem outras preocupações para além da perspectiva material do espaço: a noção subjetiva das experiências espaciais. Assim, discussões sobre as emoções, os afetos, as percepções, as questões sensoriais e as questões existenciais, são incorporadas no debate da Geografia Humana, como uma crítica à tradição positivista da disciplina, que negligenciava as experiências espaciais que não pudessem ser analisadas nos moldes do racionalismo científico.

A Escola Francesa e Anglo-Saxônica de Geografia foram fundamentais para estruturar os ideais dos geógrafos humanistas nessa época e também nas décadas seguintes. Muitos foram os caminhos e as cisões do movimento humanista na Geografia, no entanto, algo em comum ligava a todos inseridos nesse movimento: a ideia de uma Geografia baseada na experiência das pessoas e nas suas relações com os espaços, os lugares, as paisagens, os territórios, algumas das categorias espaciais dessa ciência.

Com a influência da Geografia Humanista, dos conceitos desenvolvidos a partir dos aportes de outras áreas do conhecimento e da ênfase na experiência do sujeito para entender o espaço geográfico, mais recentemente surge uma área da Geografia que busca dar foco nas questões emocionais para compreender os fatos espaciais: a Geografia das Emoções.

Conforme Bondi (2005) o interesse recente em discutir as emoções na Geografia possibilita contribuir com perspectivas críticas que questionam os limites da Geografia Tradicional. Pensar as emoções na Geografia permite compreendê-la numa perspectiva relacional, isto é, que não está localizada somente no indivíduo, mas também na relação dele com o espaço e com os outros indivíduos e que oferece, portanto, uma mediação da nossa relação com o espaço.

O interesse acadêmico nas emoções é inseparável da questão social, cultural e das tendências políticas. Tal interesse pode ser visto com a ampliação da discussão no últimos anos, em áreas como a Sociologia das Emoções (Hochschild 1979, 1983;), a Antropologia das Emoções (Rosaldo, 1980; Lutz 1988), Filosofia (Nussbaum 2001), Ciência Política (Nolan, 1998), estudos culturais (Berlant, 2004; Sedgwick, 2003) (Bondi, 2005).

Além da Geografia Humanista, a abordagem sobre as emoções na Geografia despertou interesse em outras perspectivas, como a Geografia Feminista e as Geografias Não-Representacionais. No caso dessa discussão, iremos apresentar o percurso da Geografia Humanista e de que maneira o debate do âmbito afetivo e emotivo apareceu nos trabalhos dos geógrafos humanistas.

Nesse sentido, a primeira parte da discussão irá apresentar, de maneira concisa, o percurso da Geografia Humanista e que temas considerados subjetivos foram incorporados dentro desse movimento. Além disso, iremos apresentar alguns conceitos espaciais discutidas na Geografia Humanista e que podem servir de subsídio para a análise das emoções e sua relação com os lugares por outras áreas do conhecimento, fornecendo, portanto um arcabouço espacial. Esses conceitos são de *lugar e espaço vivido*.

No segundo momento, iremos apresentar o recente debate sobre a Geografia das Emoções, as principais definições, desafios, propostas teóricas e metodológicas para o debate. Por fim, com base na análise de alguns periódicos científicos e de obras internacionais enquadradas na discussão Geografia das Emoções, iremos apresentar alguns temas de interesse sobre essa área e de que maneira as emoções têm sido trabalhadas na Geografia a partir de um viés espacial. Espera-se que com esse debate, a Geografia possa contribuir com outras áreas já consolidadas e interessadas na reflexão

sobre as emoções e que não consideram o espaço geográfico em suas análises. Aqui, pensamos o espaço geográfico como fundamental para compreender nossas vivências e experiências emocionais.

Sobre as questões afetivas na Geografia: o debate da Geografia Humanista e a discussão do conceito de lugar e espaço vivido

O interesse sobre as emoções não é nova na Geografia. Quando da sua constituição enquanto ciência moderna no século XIX, a descrição das paisagens e dos lugares claramente estava relacionada com a percepção dos teóricos. Na representação do espaço a partir de relatos, mapas, pinturas, também havia um caráter emocional intrínseco nessa vivência com o espaço³.

Na década de 1920, Carl Sauer da Escola de Berkeley, é um dos fundadores da Geografia Cultural e precursores direto da Geografia Humanista. A partir das contribuições de Sauer e de outros geógrafos interessados pelas questões culturais, anos depois, na década de 1970, houve um importante movimento de renovação de toda a Geografia, incluindo a Geografia Cultural, que naquele momento busca construir uma Nova Geografia Cultural. Nesse momento surge também a Geografia Humanista, que coloca como tema central o sujeito e a partir da influência do Humanismo, da Fenomenologia e do Existencialismo, realiza críticas às metodologias quantitativas da análise espacial da Geografia Neopositivista e às teorias que generalizavam o “mundo da vida”, buscando uma visão holística sobre a experiência humana.

Tal inserção possibilitou realizar a distinção entre objetivo e subjetivo, e entre os mundos externos e internos, compreendendo que a subjetividade permeia tudo o que as pessoas fazem, incluindo, por exemplo, o seu desenvolvimento econômico, bem como atividades culturais. Implicitamente, as emoções são incorporadas nessas problematizações, já que estão inseridas em todos os contextos da vida. Sobre a discussão da emoção dentro da Geografia Humanista, Bondi (2005, p. 4, tradução nossa) afirma que “Embora o termo ‘emoção’ possa não ter figurado de forma proeminente no trabalho dos geógrafos humanistas, o chamado para considerar as dimensões subjetivas da vida humana estimulou um corpo substancial de pesquisas que deu atenção a como as pessoas sentem e experimentam lugares e espaços”⁴.

Um papel fundamental da Geografia Humanista no debate sobre as questões subjetivas, e por conseguinte, afetivas na Geografia, foi repensar as categorias espaciais. Com a influência de conceitos oriundos da Fenomenologia, como *lebenswelt* (mundo vivido) e *dasein* (ser-no-mundo), parte dos geógrafos humanistas elege a categoria espacial *lugar* como fundamental para entender a dimensão subjetiva da nossa

³ Conforme Holzer (2016, p. 65) “Tuan ressalta que a descrição vivida da paisagem pode ser facilmente encontrada nas obras dos naturalistas do século XIX, mas com o tempo foi cedendo lugar ao texto impessoal de nossos cientistas contemporâneos”. Sobre isso, Dardel (2015, p. 82) coloca que “Convém ressaltar aqui que no século XVIII, de onde surgirá a primeira geografia científica, existe uma geografia sentimental e emotiva que, amplificada pela imaginação, tende para a expressão literária. A geografia como experiência afetiva e desfrute estético, torna-se uma expressão do homem com Bernadin de Saint-Pierre, com Rousseau, precedendo Chateaubriand. Ferido pela sociedade, decepcionado com a condescendência moral do século, o homem se volta para a natureza, para o exotismo, para encontrar uma resposta a suas inquietações, um complemento para sua incompletude. Porém essa natureza exterior, próxima ou distante, ele a procura e a vê através da afetividade: prazer da solidão, sentimento de melancolia e de mistério, religiosidade à flor da pele. Nesse sentido, a geografia como ‘oxigênio da alma’, é uma das formas de humanismo”.

⁴ Do original em inglês: “While the term “emotion” may not have figured prominently in the work of humanistic geographers, the call to consider subjective dimensions of human life stimulated a substantial body of research that attended to how people feel and experience places and spaces” (BONDI, 2005, p. 4).

experiência espacial, tendo em vista que era a categoria que denotava uma maior noção de proximidade na escala da experiência humana. O espaço geográfico vai ser trabalhado na ideia de *espaço vivido*, a partir da noção de *lebenswelt*. Dentre os teóricos que discorrem sobre o espaço vivido, podemos destacar Gallais (1967), Frémont (1968), Buttimer (1969), Chevalier (1974) e Relph (1976).

O surgimento da ideia de espaço vivido (*espace vécu*) se dá no final de década de 1960, na Escola Francesa, com influência da Escola Norte-Americana. O espaço vivido se refere ao espaço da vida, do cotidiano, que todos nós construímos, sendo geógrafos ou não. Tal espaço encarna toda a densidade da existência humana, seus desejos, anseios, emoções, expectativas e aspirações sobre a vida. Assim, relaciona-se com a experiência humana.

Frémont (1974) afirma que a noção de espaço vivido, naquele momento, inquietava as perspectivas usuais dos geógrafos, porque os fazia perceber que espaço, região e lugares não poderiam mais ser considerados como realidades objetivas, examinados com um frio olhar da ciência. O teórico define o espaço vivido como uma experiência contínua, um espaço de movimento. Não se reduz ao espaço cartesiano ou euclidiano, mas se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário. Assim, na visão do teórico, o conceito de *região* estaria em íntima associação com a ideia de um espaço vivido, porque é essencialmente uma realidade vivida, isto é, percebida, sentida, carregada com valores pelas pessoas. Sobre isso, Relph (1979, p. 8) afirma que:

De uma perspectiva fenomenológica, os espaços não são vazios abandonados aos quais se atribuem, por vezes, qualidades e significados, mas são os contextos necessários e significantes de todas as nossas ações e proezas. Então, o espaço não é euclidiano ou alguma outra superfície ou forma geométrica, na qual nos movimentamos e que percebemos como sendo separada de nós. “Nós não somente apreendemos espaço... através de nossos sentidos” argue Georges Matoré (1962:22-23), “mas vivemos nele, nele projetamos nossa personalidade e a ele somos ligados por limites emocionais. Espaço não é exatamente perceptual, sensorial ou representacional: ele é vivido”.

No contexto de discussão desses autores, insere-se ainda a problematização de Chevalier (1974) quando apresenta a ambiguidade e os fundamentos da diferença entre o espaço da vida e o espaço vivido. Para o teórico, o espaço da vida pertence plenamente ao espaço vivido, mas constitui uma visão redutora da totalidade das relações mantidas pelo homem-habitante com o seu espaço.

O espaço vivido é reivindicado como um espaço de valores. Este não é um escopo neutro, mas um produto ideológico (cultural, social, econômico), portanto, um campo de confronto de valores. Por isso, estudar o espaço vivido não é apenas fazer a pergunta “Como as pessoas vivem neste espaço?”, mas concentrar-se nas relações de representação, que são invisíveis porque não são exploradas. Para ir além do espaço como suporte, mas abordar a noção de representação (imagem) do espaço, é necessário fazer uma nova pergunta “Como as pessoas vêem esse espaço?”. Assim, a Geografia continua a estudar os fenômenos inscritos no espaço ou estuda o espaço como tal, através dos olhos das pessoas que o vivem (Chevalier, 1974).

Nessa problematização, Buttimer (1976) foi uma das principais teóricas a defender a ideia de espaço vivido. Ela parte do conceito de *espace vécu* (espaço vivido), aproximando da ideia de *lebenswelt* (mundo vivido) e a união com o *genre de vie* (gênero de vida)⁵. A teórica afirma que cada pessoa está cercada por “camadas”

⁵ O conceito de gênero de vida foi desenvolvido na Escola Francesa de Geografia no século XIX, em especial, por Paul Vidal de La Blache, dentro da discussão do possibilismo, em contraposição do

concêntricas do espaço vivido, do quarto para casa, bairro, cidade, região e nação. Pode haver ainda, "lugares privilegiados" qualitativamente diferente de todos os outros, como um "lugar de nascimento do homem, ou as cenas de seu primeiro amor, ou certos lugares na primeira cidade estrangeira que visitou na juventude".

No seu interesse sobre o espaço vivido das sociedades tropicais na década de 1970, com estudos em regiões da África, no nordeste do Brasil e na Índia, Gallais (1998 [1977], p. 12) realiza um estudo comparativo entre essas regiões e afirma que dentre outros aspectos

o espaço vivido é muito mais carregado de afetividade que o nosso. Esta afetividade não é apenas constituída pela amizade que os homens nutrem naturalmente pela região e pelo tipo de meio em que cresceram, mas é também reforçada pela movimentação do espaço, verdadeiro interlocutor. O animismo e seus cultos, isto é, as preocupações com a magia que conferem um valor maléfico ou benéfico a certos elementos ou direções do espaço, dão a esse mesmo espaço um conteúdo mítico.

Assim, percebe-se que a noção de espaço vivido pode estar relacionado à diferentes escalas, no entanto, a ênfase se dá nas vivências, experiências e o elo afetivo que mantemos com esses espaços da nossa vida cotidiana. Ao se tornarem significativos, por um ou outro motivo, esses espaços deixam de ser simples espaços em que as coisas estão, mas espaços em que as coisas possuem um significado, sendo ele mesmo, também um espaço significativo. O espaço vivido, portanto, pode ser compreendido como um *lugar*.

Com relação ao conceito de lugar, inicialmente tal categoria espacial estava relacionada à ideia restrita de localização, portanto, inanimado. Com o movimento humanista na Geografia, o conceito de lugar é revisto e ganha outras perspectivas de análise. Nesse viés, são as pessoas, suas vivências e experiências, as trocas, comunicações que dão sentido e visibilidade ao lugar, que possui personalidade e sentido. Assim, o lugar é apontado como pausa no movimento, no sentido de que o lugar é uma relação inseparável entre espaço e tempo, além de ser um centro de significados, de comunicação e linguagem (Holzer, 1999; Tuan, 2013 [1983]).

Na discussão sobre o conceito de lugar, uma das contribuições mais relevantes é de Tuan (2012 [1974], 2013 [1977]). O lugar é segurança e o espaço é liberdade. Estamos ligados ao primeiro e desejamos o segundo. Para o teórico, é inegável a necessidade de medição e mapeamento do espaço, mas tais dados devem ser complementados com dados experienciais, porque somos humanos e temos o privilégio de acesso a estados de espírito, pensamentos, sentimentos e emoções, que dão o colorido de toda a experiência humana.

Na visão do teórico, "O lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma história" (Tuan, 2013, p. 47). Através do tempo e das experiências vividas, escolhemos nossos lugares. Alguns pontos principais dessa relação são:

- 1) Se o tempo for concebido como fluxo ou movimento, então lugar é pausa. De acordo com esse enfoque, o tempo humano está marcado por etapas, assim como o movimento do homem no espaço está marcado por pausas. [...]
- 2) Leva-se tempo para se sentir afeição por um lugar, a qualidade e a

determinismo discutido pela Escola Alemã de Geografia. O gênero de vida diz respeito às transformações que o homem realiza na natureza, numa influência recíproca, mostrando que o homem tem possibilidade de modificar o meio natural e criar as condições necessárias para viver.

intensidade da experiência é mais importante que a duração. 3) Estar arraigado em um lugar é uma experiência diferente da de ter e cultivar um “sentido de lugar”. [...] O esforço para evocar um sentimento pelo lugar e pelo passado frequentemente é deliberado e consciente (Tuan, 2013, p. 240-241).

Sobre as questões emocionais e afetivas, o teórico desenvolve ainda os conceitos de *topofilia* e *topofobia*. Para Tuan (2012), *topofilia* estava relacionada com a ideia de intimidade, proximidade, bem-estar, conforto e amor pelos lugares, sendo laço afetivo que nos envolve com o ambiente, portanto, parte da nossa experiência pessoal. Já a *topofobia* diz respeito às relações desagradáveis, de aversão, ansiedade, medo e angústia que os lugares poderiam despertar nos sujeitos.

Na visão de Entrikin (1991) o lugar é contexto. O significado do lugar na vida moderna está associada ao fato de que, como atores, somos sempre situado no lugar e que os contextos de nossas ações contribuem para o nosso senso de identidade. Desta forma, o estudo do lugar é de fundamental importância para a compreensão da vida moderna. Assim, o lugar como contexto incorpora tanto o existencial (qualidades de nossa experiência de lugar) e também nosso senso de lugar como um "objeto" natural no mundo.

O senso de lugar está relacionado com a especificidade do lugar. Assim, há um contexto simbólico em que construímos e vivemos nossas vidas no lugar. Ao mesmo tempo em que temos a sensação de ser parte do lugar também vemos o lugar como algo separado, algo externo. Nosso bairro é uma área centrada em nós e na nossa casa, ao mesmo tempo em que é uma área que contém casas, ruas e pessoas. Assim, o lugar é um centro de significado e o externo contexto de nossas ações (Entrikin, 1991).

Nesse mesmo viés caminha Relph (1976), que afirma que

Lugares são fusões de ordem humana e natural e são importantes centros de nossas experiências imediatas do mundo. São definidos menos pela unicidade, paisagem e comunidades, do que pelo foco de experiências e intenções na intimidade do indivíduo. Os lugares não são abstrações ou conceitos, mas são fenômenos diretamente experienciados do mundo vivido e, portanto, estão cheios de significados, com objetos reais e atividades em curso. São importantes fontes de identidade pessoal e comunitária, e são muitas vezes, centros profundos da existência humana com os quais as pessoas têm vigorosos laços emocionais e psicológicos. Na verdade, nossas relações com lugares são tão necessárias, variadas e, às vezes, tão desagradáveis como nossos relacionamentos com outras pessoas (Relph, 1976, p. 141, tradução nossa)⁶.

Aqui, vemos que o legado da Geografia Humanista sobre as categorias espaciais foram fundamentais, em especial, por incorporarem outras perspectivas para entender a nossa relação com o mundo da vida. De acordo com Bondi (2005), muitos trabalhos da Geografia Humanista estavam interessados nos sentimentos como amor, ódio, prazer, culpa, tristeza, raiva evocados por lugares. No entanto, seu foco não foi o de problematizar ou conceitualizar as emoções.

⁶ Do original em inglês: “Places are fusions of human and natural order and are the significant centres of our immediate experiences of the world. They are defined less by unique locations, landscape, and communities than by the focusing of experiences and intentions onto particular settings. Places are not abstractions or concepts, but are directly experienced phenomena of the lived-world and hence are full with meanings, with real objects, and with ongoing activities. They are important sources of individual and communal identity, and are often profound centres of human existence to which people have deep emotional and psychological ties. Indeed our relationships with places are just as necessary, varied, and sometimes perhaps just as unpleasant, as our relationships with other people”.

Em geral, o legado deixado pela geografia humanista à sub-disciplina emergente da geografia emocional é simultaneamente sugestivo e problemático. Por um lado, o compromisso da geografia humanista em atender a plena riqueza de experiências subjetivas de lugares e espaços forneceu uma fonte importante de inspiração para compromissos geográficos com a emoção. Por outro lado, a incapacidade de desestabilizar o alinhamento da emoção com a experiência subjetiva individualizada significou que não se desenvolveu de maneira que necessariamente problematize a política do individualismo liberal e neoliberal (Bondi, 2005, p. 5-6)⁷.

Tal legado tem sido explorado e ampliado mais recentemente pelos geógrafos envolvidos com a Geografia das Emoções, que iremos tratar a seguir.

A recente discussão sobre as emoções na Geografia: por uma Geografia das Emoções

O atual interesse em discutir as emoções na Geografia busca compreender o espaço e a construção das espacialidades a partir da dimensão do sujeito, do seu espaço vivido, do seu cotidiano e de suas experiências. As geografias emocionais englobam uma crescente área interdisciplinar que combina as idéias da Geografia, dos estudos de gênero, dos estudos culturais, da Sociologia, da Antropologia e de outras disciplinas para entender como o mundo é mediado pelo sentimentos. Tal discussão têm aparecido especialmente nos últimos 15 anos, principalmente com a produção de geógrafos anglo-saxões, espanhóis, italianos e franceses. A emoção, como uma “qualidade pessoal” é percebida como discreta, contida e contendo espaço. Os geógrafos envolvidos com a Geografia das Emoções compreendem o ser, conhecer e fazer o/no mundo, sendo um processo dinâmico de intersecções e interações. Assim, os estudos sobre emoção, espaço e sociedade têm produzido não somente teorizações sobre afeto, emoções e sentimentos, mas também inúmeros trabalhos empíricos, notadamente qualitativos, com foco no corpo, na relação e no lugar das experiências emocionais (Thien, 2005; 2017).

A Geografia das Emoções é “uma geografia do espírito, dos sentimentos, mas também dos sentidos, dedicada às modalidades sensoriais que integram a nossa experiência no mundo” (Andreotti, 2013, p. 101). A teórica considera que tal perspectiva favorece atenção às emoções, aos sentimentos e às sensações como fontes de conhecimentos e representações do espaço geográfico para além da racionalidade científica. Valoriza a diversidade dos sentimentos e sentidos, acentuando tonalidades, espaços e tempos, portanto, privilegia a polifonia que anima a vida.

Ruocco (2012) afirma que a geografia emocional estuda as partes do mundo que estão gerando emoções, em que o homem, com a sua riqueza de experiência cultural e histórica, tornou-se o ponto de referência central desta realidade. O teórico discute a ideia de *territórios emocionais*, em que esses territórios compreendem um espaço geográfico físico e humano que gerou emoções intensas, que têm poder de atração, possui memórias históricas, um rico patrimônio cultural, tradições, folclore. O componente natural do território inclui o conjunto de elementos e fenômenos

⁷ Do original em inglês: “Overall, therefore, the legacy bequeathed by humanistic geography to the emergent sub-discipline of emotional geography is simultaneously suggestive and problematic. On the one hand humanistic geography’s commitment to attend to the full richness of subjective experiences of places and spaces has provided an important source of inspiration for geographical engagements with emotion. On the other hand, its failure to unsettle the alignment of emotion with individualised subjective experience meant that it has not developed in ways that necessarily problematise the politics of liberal and neo-liberal individualism” (Bondi, 2005, p. 5-6).

astronômicos, física e biológicos, capazes de mais ou menos estimular a imaginação e sentimentos.

Nessa perspectiva caminha também Nogué (2015). Para o teórico, os espaços geográficos não são espaços geométricos, mas sim espaços existenciais, através dos quais damos sentido e atuamos no mundo, funcionando como um vínculo. Por conseguinte, as topografias da vida cotidiana são muito impregnadas de emoção e sentimentos e os tratados geográficos não deixam de ser uma espécie de psicogeografia pessoal e social, o que permite compreender a experiência geográfica a partir de uma análise polisensorial. As geografias emocionais deixam de lado uma descrição geográfica de base empírica e cartesiana, que privilegia a duração sobre o instantâneo, o tangível sobre o intangível e o sedentário sobre o nômade.

A vida é, em essência e ao mesmo tempo, espacial e emocional. Interagimos emocionalmente e continuamente com lugares, ao qual imprimimos significados que nos retornam através das emoções que nos despertam. A memória individual e coletiva, bem como a imaginação, mais que temporais, são espaciais. As categorias geográficas básicas que são aprendidas na escola, ou as que usamos em nossa vida diária, envolvem associações emocionais. Experimentamos emoções específicas em diferentes contextos geográficos e vivemos paisagens emocionais, porque estas não são apenas materialidades tangíveis, mas também construções sociais e culturais impregnadas de um conteúdo intangível denso, muitas vezes apenas acessíveis através do universo das emoções (Nogué, 2015, p. 141, tradução nossa)⁸.

Davidson e Milligan (2004) apontam que as emoções podem alterar claramente a forma como o mundo é para nós, afetando nosso senso de tempo e espaço. Nosso senso de quem somos é continuamente (re)moldado por como nos sentimos. A articulação da emoção é, portanto, mediada espacialmente de uma maneira que não é simplesmente metafórico.

Para as autoras, as emoções são compreensíveis apenas no contexto de lugares particulares. Do mesmo modo, o lugar deve ser sentido para fazer sentido. Assim os sentidos significativos do espaço emergem apenas via movimentos entre pessoas e lugares. As emoções, então, podem ser vistas como uma forma de tecido conjuntivo que liga as geografias experienciais da psique e do físico humanos com e dentro das geografias sociais mais amplas do lugar.

Apesar das diferenças relacionadas à discussão, há alguns pontos em comum nas pesquisas que discutem as emoções: o fato de que eles são um tipo de estado afetivo; a sua capacidade para exteriorizar; a relativa curta temporalidade; a capacidade para criar uma ação; e o seu caráter contextual (Guinard e Tratnjek, 2016).

Nesse caminho, temos dois principais desafios ao inserir o debate das emoções na Geografia: um do ponto de vista teórico e outro metodológico. Do ponto de vista

⁸ Do original em espanhol: La vida es, en esencia y a la vez, espacial y emocional. Interactuamos emocionalmente y de manera continua con los lugares, a los que imbuimos de significados que retornan a nosotros a través de las emociones que nos despiertan. La memoria individual y colectiva, así como la imaginación, más que temporales, son espaciales. Las categorías geográficas básicas que se aprenden en la escuela, o las que utilizamos en nuestra vida cotidiana, conllevan asociaciones emocionales. Experimentamos emociones específicas en distintos contextos geográficos y vivimos emocionalmente los paisajes porque estos no son solo materialidades tangibles, sino también construcciones sociales y culturales impregnadas de un denso contenido intangible, a menudo solamente accesible a través del universo de las emociones” (Nogué, 2015, p. 141).

teórico, a Geografia não tem a tradição em desenvolver uma teoria emocional, o que mostra a relevância de um debate interdisciplinar, no intuito de dialogar com outras áreas do conhecimento em que a discussão já está mais avançada, como a Antropologia e a Sociologia das Emoções. Outra é do ponto de vista metodológico, já que as emoções não podem ser analisadas a partir de metodologias quantitativas, o que implica em inserir metodologias de natureza qualitativa para compreender as questões espaciais, também num diálogo com outras áreas do conhecimento.

Em suma, Bondi (2005) afirma que as emoções fazem parte da vida humana e os geógrafos não podem ignorar essa questão. No entanto, corre-se o risco de que as abordagens geográficas sobre o tema sigam os caminhos de tendências culturais que tratam emoções como atributos individualizados disponíveis para exploração política e comercial. Afirma que uma maneira de não “cair” nesse problema, é que a Geografia explore as emoções a partir de uma visão holística sobre a subjetividade, proposta pela Geografia Humanista, que proporcionou um impulso importante no sentido de se envolver com dimensões emocionais de experiências de lugar e espaço das pessoas.

Temas de interesse sobre a relação emoção e espaço: contribuições para um debate interdisciplinar

Como apontamos anteriormente, o intuito da Geografia das Emoções é traçar um debate sobre a relação emoções e lugares a partir de um debate interdisciplinar, visto que a própria Geografia não possui uma significativa teoria sobre as emoções, além de que vários campos de discussão se interessam e já estão avançados sobre o tema.

Por conseguinte, a grande contribuição da Geografia das Emoções é inserir no debate a categoria espacial para compreender de que maneira nossa relação com o espaço não é passiva, mas que nos relacionamos com os espaços, as paisagens, os lugares, também pela questão emocional. Há portanto, um “algo a mais” nessa relação, que dificilmente pode ser compreendido a partir de teorias gerais, que colocam os sujeitos dentro de categorias pré-definidas, ignorando o conteúdo pessoal, as singularidades da vida e as experiências únicas que cada pessoa vive com os lugares de sua vida cotidiana.

Sobre isso, Lindón (2012, p. 701, tradução nossa) acredita que, apesar do debate se realizar em outros campos do saber, que estão em constante “fazer-se”,

se observa uma assinatura mais ou menos pendente: o reconhecimento de que o sujeito, com sua corporeidade e emoções, também habita lugares que fazem parte do social, do corpo que ali está e das emoções experimentadas por esses ditos corpos. Em outras palavras, os estudos mais consolidados sobre o corpo, a corporeidade e as emoções geralmente esquecem a espacialidade, ainda que paradoxalmente a relação entre o corpo e o espaço seja inevitável para a condição humana. De igual forma, a relação entre o espaço e as emoções constituem outro aspecto ineludível da vida mesma⁹.

A produção de obras sobre o tema como os livros *Emotional Geographies* (Bondi et al, 2005), *Emotion, Place and Culture* (Smith et al, 2009), “*Paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales*” (Valverde e Luna, 2015); o

⁹ Do original em espanhol: “[...] se observa una asignatura más o menos pendiente: el reconocimiento de que el sujeto, con su corporeidad y emociones, también habita lugares que se hacen parte de lo social, del cuerpo que allí está y de las emociones experimentadas por dichos cuerpos. En otras palabras, los estudios más consolidados sobre el cuerpo, la corporalidad y las emociones suelen olvidar la espacialidad, aunque paradójicamente la relación entre el cuerpo y el espacio es inevitable para la condición humana. De igual forma, la relación entre el espacio y las emociones constituye otro aspecto ineludible de la vida misma” (Lindón, 2012, p. 701).

periódico *Emotion, Space and Culture*, em atividade desde 2008; o dossiê especial do “*Carnets Géographes*”, intitulado “*Géographies des Émotions*”, publicado em 2016; a organização a cada dois anos da *Emotional Geographies Conference*, a última ocorrida em 2017, e do *Congreso Internacional e Interdisciplinar sobre Geografías Emocionales*, em atuação desde 2002¹⁰, são algumas das contribuições centrais da Geografia das Emoções.

Infelizmente, a produção brasileira que se enquadra como “Geografia das Emoções” ou “Geografia Emocional” é escassa e os poucos trabalhos encontrados não possuem a discussão sobre a Geografia das Emoções como central, apenas citam uma ou outra questão relacionadas à isso, como parte de uma outra reflexão. Dentre os trabalhos, podemos citar o artigo de Silva (2007) “Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino”; a tese de doutorado de Furlanetto (2014) “Paisagem sonora do boi de mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso”. O texto em português da geógrafa italiana Giuliana Andreotti citada na bibliografia dessa discussão é uma importante contribuição teórica para o tema, além da tradução do texto do geógrafo italiano Persi (2010) intitulado “Geografia e emoções. Pessoas e lugares: sentidos, sentimentos e emoções”.

Desse modo, apresentaremos um panorama internacional sobre a produção da Geografia das Emoções nas obras supracitadas, de forma a explicitar alguns dos temas que são debatidos dentro da perspectiva da Geografia das Emoções. O intuito aqui não é aprofundar os temas, mas sim apresentá-los, de modo a dar visibilidade aos trabalhos para a Geografia e demais ciências interessadas na discussão sobre as emoções, além de contribuir na ampliação do debate, mostrando quais as possibilidades de compreender o espaço geográfico a partir das experiências emocionais bem delimitadas, como o medo, a ansiedade, a angústia, culpa, nostalgia, dentre outras emoções.

O livro *Emotional Geographies*, publicado na Inglaterra em 2005 (primeira edição) marca o início das discussões intituladas como Geografia das Emoções¹¹. Composto por 16 artigos sobre a Geografia das Emoções, os autores são de diferentes áreas como Geografia, Sociologia, Psicologia, Economia e Filosofia. O livro foi dividido em três seções: “*Locating emotion*”, “*Relating emotion*” e “*Representing emotion*”, o que vai definir os temas trabalhados pelos autores.

Dentre os temas presentes na discussão, estão aqueles sobre lugares de morte e paisagem emocional; experiências emocionais com relação a histerectomia, o corpo da mulher e a feminilidade; espaços públicos e a velhice; viagens e alimentação em *fast foods*; prazeres do lugar; saúde mental em espaços rurais; paisagem emocional e espaços de repouso; espaços urbanos noturnos e as experiências emocionais positivas e negativas; morte, objetos de memória e a perda de parceiros heterossexuais na velhice; distúrbios alimentares em mulheres e a relação com o corpo; o toque nas práticas

¹⁰ Outro periódico importante sobre o tema é o *Social and Cultural Geography*, embora não configure a emoção como discussão central. Pesquisando o termo “emotion” (emoção) no título e nas palavras-chaves periódico, algumas das pesquisas sobre emoções na Geografia são medo e esportes urbanos (parkour), violência doméstica, resistência no desenvolvimento residencial, ansiedade e questões médicas, raça e interseções sociais e culturais, trabalho e desempenho de mulheres lésbicas e bissexuais, estética das emoções espaciais, migração, questões relativas ao conhecimento masculino, mulheres e o consumo de roupas, maternidade e mídias digitais, paisagens sonoras, culpa e vergonha em experiências de mães solteiras, soberania indígena e políticas espaciais, trabalho no setor público, surf e uma vida sensual de homens e masculinidades, dimensões espaciais do luto e da lembrança, insegurança e psicanálise, políticas de compaixão.

¹¹ Antes disso, em 2001, há uma relevante reflexão de Smith e Anderson (2001) intitulada ‘Editorial: Emotional Geographies’, publicada em *Transactions of the Institute of British Geographers*. O livro publicado em 2005, no entanto, marca uma obra direcionada e intitulada como Geografia das Emoções.

terapêuticas; o processo de envelhecimento; espacialidades da intimidade; espacialidades da memória; ética ambiental; experiências emocionais dos pesquisadores na prática da pesquisa.

O periódico *Emotion, Space and Culture* também possui o interesse em publicações enquadradas na discussão da Geografia das Emoções desde 2008. Tem como objetivo o debate multidisciplinar e interdisciplinar sobre pesquisas teoricamente informadas sobre as interseções emocionais entre pessoas e lugares, procurando dar visibilidade às investigações de sentimentos e afetos em vários contextos espaciais e sociais, ambientes e paisagens. Para os editores, a questão dos lugares e das emoções é central para todas as interações humanas entre si e com o mundo em que vivemos.

Por ser um periódico específico sobre as emoções, procurar o termo “*emotion*” apresentaria muitos artigos. Realizando uma busca pelo artigos mais citados, aparecem os temas sobre as geografias emocionais de crianças; a questão da comunicação e do corpo; mudanças climáticas e ambientais e a relação com a saúde emocional; ecologia política da alimentação e do sentimento; cultura material, paisagens da vida cotidiana, lei e experiências sensoriais; experiências de jovens com diferenças sócio-emocionais; atmosferas de consumo, futebol e comercialização; movimento da migração, casa, identidade e sentimento de pertencimento; sensibilidade relacional do espaço do surf; emoções de austeridade; sobre tecnologia e afeto, amizade e espacialidade; sobre raça e espaço público; questão da empatia, promoção dos lugares, sentimentos de culpa; relação com os animais; topografia emocional.

Já os artigos mais “baixados” do periódico, incluem debates sobre o conceito de *habitus* de Bourdieu; pesquisas sobre pessoas desaparecidas e suas famílias; paisagens espirituais; lembranças e objetos na vida cotidiana; desigualdade mundial; aleitamento materno; memória e experiência; espaços de ativismo; ambientes urbano; espaços de lazer noturno; espaços afetivos da atividade física; auto-ajuda e identidade; geografias emocionais da educação; práticas esportivas; morfologia das casas.

Como resultado de um seminário realizado em março de 2014, no departamento de Humanidades da Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha, o livro “*Paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales*” conta com 09 artigos, que trazem tanto um debate empírico sobre as emoções, mas também uma reflexão teórica-conceitual.

As discussões que aparecem na obra incluem um panorama sobre a vida e a obra de Eric Dardel, importante geógrafo francês do século XX e sua contribuição para o conceito de *geograficidade*; a relação da fotografia e das artes na maneira como a paisagem é percebida e concebida; discussão sobre a nostalgia em sua dimensão temporal e espacial, ligada à memória e ao passado; discussão sobre paisagem-emoção a partir das representações do cinema; estereótipos heteronormativos relacionados aos lugares e às paisagens representadas em filmes; a relação entre geografia e psicologia na experiência geográfica; os diferentes sentidos na percepção da paisagem e em sua apreciação estética, focando na questão do olfato; esfera pública, espacialidade da emoção e despolitização do sentimento; discussão sobre a categoria estética de *stimmung*¹².

O dossiê especial do “*Carnets Géographes*” intitulado “*Géographies des Émotions*” publicado em 2016 conta com 26 publicações em francês e é subdividido em diferentes categorias: “*carnets de débats*”, “*carnets de recherches*”, “*carnets de terrain*”, “*carnets de soutenance*”. Dentre as contribuições do dossiê especial,

¹² *Stimmung* é um termo alemão, de difícil tradução literal para o português e com diferentes interpretações. Uma delas seria compreender o termo como o estado total de sentimento que atravessa um homem e, ao mesmo tempo, o liga ao mundo circundante.

apresenta-se: debate metodológico e teórico sobre a geografia das emoções; nostalgia, segregação e modernização dos lugares; *cafard colonial* e patologia; cartografias emocionais; paisagem e design urbano; diversidade emocional e conservação de áreas naturais; mobilizações sociais, planejamento urbano e preservação do patrimônio; experiência turística e “lugares dolorosos”; sons e identidade do lugar; experiências cinemáticas; geografia feminista, psicanálise e metodologia da geografia das emoções; emoções de pesquisadores frente à catástrofes naturais; literatura e experiências e exílio; caminhadas urbanas; valores e representações ligados ao patrimônio; psicogeografia; arte e ciência.

Dentre os vários temas de interesse da Geografia das Emoções, podemos destacar a relevância do corpo. Nesse caminho, Guitart (2012) acredita o corpo é o que somos e é através dele que experimentamos nossas emoções e nos conectamos com o mundo, por isso desempenham um papel fundamental na hora de configurar as experiências das pessoas com os lugares. Como uma crítica, a teórica afirma que, embora existam técnicas qualitativas para o estudo das geografias dos corpos, são poucos os trabalhos que analisam o papel do corpo como ferramenta de investigação.

Na mesma perspectiva caminha Lindón (2012), que afirma que o corpo, enquanto movimento, pensamento, sentimentos e emoções, possibilita as manifestações do sujeito, isto é, o corpo adquire corporeidade, que é a experiência mesma do fazer, sentir, pensar e querer e se apropriar do espaço. Para a autora, a subjetividade está presente nessa relação e se configura em cada experiência vivida do sujeito social, possibilitando a construção da realidade social e espacial. Propõe pensar o tema a partir do conceito de *betweenness*, que seria uma zona de transição e intersecção nos estudos sobre espacialidades, corporeidades e emoções, além das biografias, que se articulam como vivências e acontecimentos cotidianos espaço-temporais de cada sujeito, constituindo trajetórias biográficas, memórias que perduram e entrelaçamentos do cotidiano, da subjetividade, corporeidade e das emoções.

Embora essa trilogia - corpo, emoções e espacialidades - não tenha sido suficientemente abordada no estudo do social, é uma parte intrínseca da vida social. Por ter corporeidade é que o sujeito se apropria do espaço e do tempo que lhe acontece, transforma-o, dá-lhe valores e significados particulares, e assim ele o carrega da memória do que ele viveu. Do corpo é gerada a corporeidade que se manifesta através do motor (movimento com intenção) e só é possível contra a espacialidade inevitável. E naquela relação onipresente de corpos com seus espaços de vida, as emoções são sempre ativadas. Isso não se refere a um novo fenômeno, mas a uma trilogia de fenômenos pouco estudados, embora sempre presentes (Lindón, 2012, p. 715, tradução nossa)¹³.

Nesse último ponto, nossa proposta foi apresentar alguns temas debatidos no âmbito da Geografia das Emoções e conseqüentemente a partir de uma perspectiva espacial. É possível perceber a amplitude e complexidade do debate, em que muitos dos temas trabalhados incluem-se dentro de outras áreas da Geografia, como a Geografia

¹³Do original em espanhol “Aunque esta trilogía –cuerpo, emociones y espacialidades- no ha sido lo suficientemente abordada en el estudio de lo social, es parte intrínseca de la vida social. Por tener corporeidad es que el sujeto se apropria del espacio y el tiempo que le acontece, lo transforma, le otorga valores y significados particulares, y así lo carga de memoria de lo vivido. Desde el cuerpo se genera la corporeidad que se manifiesta a través de la motricidad (movimiento con intención) y que sólo es posible frente a la insoslayable espacialidad. Y en esa relación omnipresente de los cuerpos con sus espacios de vida, siempre se activan emociones. Esto no remite a un fenómeno nuevo, sino a una trilogía de fenómenos poco estudiada, aunque siempre present” (Lindón, 2012, p. 715).

Social, a Geografia Urbana, a Geografia Agrária, a Geografia Cultural e a Geografia Econômica. A ênfase, no entanto, é tratar as emoções como centrais para compreender as experiências espaciais.

Considerações finais

Percebemos que a discussão sobre as emoções na Geografia é realizada a partir de um viés interdisciplinar. O intuito dessa reflexão foi apresentar quais os caminhos sobre as emoções têm sido percorridos na Geografia, os temas de interesse e de que maneira, a partir do diálogo interdisciplinar, a Geografia pode contribuir com outras áreas do conhecimento incorporando as categorias espaciais para compreender a relação das emoções com os lugares. Algumas dessas categorias pode ser o debate sobre o conceito de lugar (topofilia, topofobia, lugaridades) e espaço (espaço vivido), a partir da perspectiva da Geografia Humanista.

A Geografia das Emoções se propõe a uma reflexão tanto teórica quanto metodológica sobre as emoções. O intuito não é compreender as emoções em si, mas sempre nessa relação com os espaços, os lugares, as paisagens. A discussão é um desafio para uma área tradicionalmente positivista, que por vezes foca na forma e não no conteúdo do espaço.

Além disso, quando as teorias mais aceitas na Geografia analisam o espaço a partir de uma visão impositiva e vertical, desconsidera-se alguns dos conteúdos que animam a vida humana, como as emoções. Não reagimos da mesma maneira na relação com os espaços, porque criamos uma relação de significado com eles, que é muito individual. Isso mostra que não somos seres passivos no envolvimento com o espaço das cidades. Por exemplo, no caos da vida urbana, é comum a falta de uma relação de identificação com os espaços construídos, que por vezes, se tornam espaços abandonados, sem uso, sem vida. Cada vez mais tem sido discutida a importância de pensar as cidades para as pessoas e como as formas espaciais estão diretamente relacionados com a nossa sociabilidade e práticas cotidianas. Assim, sentir medo, por exemplo, numa rua, diz respeito também a falta de planejamento: iluminação, segurança, transporte público adequado.

Acreditamos que pensar as emoções e as experiências espaciais no espaço urbano, por exemplo, possibilita a construção de espaços mais democráticos, em que a participação das pessoas e a valorização de suas experiências emocionais podem enriquecer a análise da vida cotidiana. Por conseguinte, é possível compreender as relações sociais com um olhar sobre os sentimentos e a sensibilidade, entendendo a relação da vida “real”, dos conflitos intersubjetivos e do espaço concreto em que a vida acontece. Por conseguinte, discutir uma Geografia das Emoções não é negligenciar as outras perspectivas da Geografia sobre os espaços, mas ampliar o leque de possibilidades de compreensão da vida cotidiana, incluindo outros elementos que são negligenciados não só pela ciência, como pela sociedade em geral.

Ousamos dizer ainda que um olhar sensível sobre as emoções no campo científico, possibilita (re)pensar as cidades, a vida urbana e as lógicas do planejamento, refletindo criticamente sobre a lógica de produção do espaço urbano e o aumento de patologias de cunho emocional, como depressão, ansiedade, angústia, que constantemente são noticiados. É urgente pensar os espaços da vida para além de sua materialidade, mas compreender o invisível que dá sentido e significado à vida, como as emoções.

A partir do panorama internacional sobre a Geografia das Emoções, percebemos que a Geografia Brasileira e as outras áreas do conhecimento interessados na questão das emoções podem se inspirar no debate já posto, que inclui as emoções em vários

debates. Mostra o quanto a discussão é democrática e aberta para diferentes abordagens, além de possibilitarem a análise do espaço geográfico a partir do vivido.

Referências

Andreotti, Giuliana. Geografia emocional e cultural em comparação com a geografia racionalista. In.: Heidrich, Álvaro; Costa, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (orgs.) *Maneiras de ler geografia e cultura*. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, p. 98-105, 2013.

Bondi, Liz. Making connections and thinking through emotions: between geography and psychotherapy. *Institute of Geography, School of Geosciences, University of Edinburgh*, p. 433–448, 2005.

Buttimer, Anne. Grasping the Dynamism of Lifeworld. *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 66, No. 2, p. 277-292. Jun., 1976.

Chevalier, Jacques. Espace de vie ou espace vécu? L'ambiguïté et les fondements du concept d'espace vécu. *L'Espace géographique*, n. 1, p. 68, 1974.

Davidson, Joyce; Milligan, Christine. Embodying Emotion Sensing Space: Introducing emotional geographies. *Social & Cultural Geography*, Vol. 5, No. 4, P. 523-532, December 2004.

Frémont, Armand. Recherches sur l'espace vécu. *Espace géographique*, tome 3, n°3, pp. 231-238, 1974.

Holzer, Werther. O lugar na geografia humanista. *Revista Território*. Rio de Janeiro. ano IV, n° 7. p. 67-78. jul./dez. 1999.

Holzer, Werther. *Geografia Humanista - Trajetória 1950-1990*. Londrina: EdUEL, 2016.

Gallais, Jean. Alguns aspectos do espaço vivido nas civilizações do mundo tropical. *Espaço e Cultura*, UERJ, n. 6, p. 9-16, jul/dez de 1998.

Guinard, Pauline; Tratnjek, Bénédicte. Géographies, géographes et émotions. *Carnets de géographes*, 9, p. 1-16, 2016.

Guitart, Anna Ortiz. Cuerpo, emociones y lugares: aproximaciones teóricas y metodológicas desde la geografía. *Geographicalia*, 62, p. 115-131, 2012.

Lindón, Alicia. Corporalidades, emociones y espacialidades. Hacia un renovado betweenness. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 11, n. 33, p. 698-723, Dezembro de 2012.

Nogué, Joan. Emoción, lugar y paisaje. IN: LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. *Teoría y paisaje II: paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales*. Observatorio del Paisaje de Cataluña. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, p. 137-148, 2015.

Pickles, John. *Phenomenology, Science and Geography Spatiality and the Human Sciences*. Nova York: Cambridge University Press, 1985.

Relph, Edward. *Place and placelessness*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1976.

Relph, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, 4 (7), p. 1-25, 1979.

Ruocco, Domenico. Emozioni-Territori emotivi-Geografia emozionale. Precisações conceituais. *Studi e Ricerche socio-territoriali Napoli*, p. 11-24, 2010.

Silveira, Maria Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, Nº 19, p. 81 - 91, 2006.

Thien, Deborah. After or beyond feeling? A consideration of affect and emotion in geography. *Area*, 37.4, p. 450–456, 2005.

Thien, Deborah. Emotional geographies. In: Richardson, Douglas et al. *The International Encyclopedia of Geography*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, p. 1-5, 2017.

Tuan, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad.: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

Tuan, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad.: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.